

Adventos do Real: autismo e fobia

Jairo Gerbase[1]

Advento é chegada. Seria melhor ter como título – A chegada do real. Um dia alguma coisa começa. As estórias, as lendas começam com – Era uma vez... Buscamos a primeira vez, o advento. A palavra advento advém da igreja, sobretudo católica e diz respeito ao nascimento de Jesus Cristo. É uma preparação que se faz durante todo o mês de dezembro, durante as quatro semanas que antecedem o nascimento de Cristo. Então, chega esse grande dia, o Natal. Isso é, para a humanidade, principalmente para os Reis Magos, uma epifania. A data é tão importante que se passou a contar o tempo AC – Antes de Cristo – e DC – Depois de Cristo. Minha ideia é que a partir da chegada do real teremos AR – Antes do Real - e DR – Depois do Real.

O advento do Real é, em minha opinião, a chegada do primeiro significante. Martim está com seis meses. É o mais novo falaser que conheço. Balbucia ansiosamente, mas ainda não proferiu nenhuma palavra, nenhum significante audível, compreensível. Que a chegada do real seja a chegada do primeiro significante há controvérsia. A maioria dos autores quer que haja um gozo do corpo anterior ao significante. O argumento é: Martim não fala, mas vê, reconhece a face da mamãe, ouve, reconhece a voz do papai, sorri diante da gracinha da vovó, temos a ideia que antes do significante há o afeto e que este deveria ser o advento do real, a primeira vez, o primeiro encontro. Esta é a controvérsia.

Minha orientação é tomar sempre o significante como ponto de partida porque é o que há de mais material, concreto, em psicanálise. Uma emoção, um afeto, um sentimento, na língua de Lacan soa bem dizer le sentiment, o sentimento mente, o significante não. Com o advento do real queremos saber algo sobre a matéria, o que vem primeiro, na física, na biologia e na psicanálise. Martim, seis meses, ainda não sabe nada e gostaríamos de saber qual é o seu primeiro pensamento. O choro, o grito, o riso, o balbucio devem ser interpretados, não são transmissíveis como o significante. O material concreto só vai aparecer a partir do momento em que a criança fala, daí porque tomaria o enunciado do primeiro significante como o advento, a chegada do real.

Os autores que defendem um acontecimento de corpo, um gozo do corpo que precede a chegada do significante faz existir o pré-verbal que estávamos habituados a não valorizar. O gozo do corpo do falaser já é gozo de um corpo previamente programado para falar, diferente do gozo do corpo da ostra e do lírio. O corpo humano, o corpo de um ser falante, é, portanto, um corpo que não tem naturalidade, um corpo já programado pela estrutura da linguagem, estrutura do significante. Mesmo que haja alguma coisa antes da chegada do primeiro significante e que haja psicanalistas que queiram começar daí, gostaria de propor tratar o advento do real como a chegada do primeiro significante e fundar o sujeito do inconsciente a partir desse primeiro encontro, fundar uma estrutura covariante de significantes, mesmo que estejamos habituados, com Freud, a datar a chegada do significante, o advento do sujeito do inconsciente no Fort-Da. Partindo daí, o falaser vai ter de apreender a lidar com o significante, ou não. Se for bem sucedido, se aprender a falar, aprender a fazer uso do significante, conhecerá o medo e se não for, estará condenado ao autismo. Dito de outra maneira, a chegada do real, o encontro com o primeiro significante, suscita a angústia.

Lacan disse à sua maneira: a angústia é o afeto-típico do advento do real. Costumamos de bom grado atribuir esse efeito ao objeto a. Para dar materialidade a esse encontro digo que se trata do encontro com o primeiro significante. A angústia é o sinal que o real se presentificou, presentificação que atribuo ao significante. A angústia, o pânico, a fobia, quais as relações destes termos com o significante? Tomei uma direção paralela de dizer que se

houver esse encontro com o real, o domínio de um significante, vai aparecer a fobia, isso que chamamos medo, a angústia, para me fazer entender por enquanto; se não houver esse encontro com o significante, então, teremos o autismo que estamos habituados a compreender, em qualquer leitura, que se trata de carência de afeto, de interação, de comunicação.

Gostaria de incluir o autismo na categoria de um sintoma que vai aparecer na medida em que um corpo não foi devidamente afetado pelo significante. Quer dizer que a ideia principal desse trabalho é que o corpo do ser falante deve ser afetado pelo significante, deve falar, e se isso acontece conhece a angústia, isto é, o sinal de que começou a lidar com o impossível de ser apreendido.

Salvador, 08/03/2017

[1] Psicanalista em Salvador. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Fórum de Salvador. Membro da Rede Diagonal Brasil e do Campo Psicanalítico. Autor dos livros: *Comédias familiares: Rei Édipo. Príncipe Hamlet. Irmãos Karamázovi*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2007; *Os paradigmas da psicanálise*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2008. *A hipótese de Lacan*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2011; *Atos de fala*, Salvador: Campo Psicanalítico, 2015 e diversos artigos.